

humanitas

Vol. L - Vol. I


IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

VOL. L • TOMO I
MCMXCVIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



UM ESTÓICO NA PRAIA DE LUNA O discurso autobiográfico na sátira de Pérsio

WALTER DE MEDEIROS

*Mihi nunc Ligus ora
intepet hibernatque meum mare, qua latus ingens
dant scopuli et multa litus se ualle recepat.*

PÉRSIO, 6.6-8

Do mar, do seu mar – falou, porque era sereno e belo, como a superfície do seu rosto.¹ O golfo abria em lira amaviosa; e as ondas, quebrando o flanco dos rochedos, se alongavam, macias, na vastidão da praia encanecida. Até de inverno coalhava, naquele oásis, a tepidez das águas e o abrigo profundo das enseadas.² Um tónico, certos dias, outros um refrigério para os agrores da cirrose que lentamente o desnutria e apagava.³ Por isso Luna é a única paisagem do seu livro.⁴

¹ Lê-se na biografia do poeta (atribuída, pelos códices e por alguns filólogos, a Probo; por outros, a Suetónio; de qualquer modo, interpolada): 6. *Fuit morum lenissimorum, uerecundiae uirginalis, fama e pulchrae, pietatis erga matrem et sororem et amitam exemplo sufficientis. Fuit frugi, pudicus.* Preferimos à vulgata *famae* a lição *formae*, do manuscrito *Parisinus* 8272, que nos parece melhor entoadada à sequência. Quem discordar entenda ‘rosto’ em sentido psicológico.

² Diz o texto citado em epígrafe: «Para mim se amorna agora a praia lígure e se aquieta o mar, que é meu, lá onde as rochas formam uma parede imensa e a costa se vai recolhendo em amplas enseadas.»

³ A biografia (9.) fala de *uitio stomachi*, que poderá ser úlcera gástrica ou cancro. Mas tantas vezes Pérsio refere o fígado e a bilis (1.12, 25; 2.13-14; 3.8; 4.6; 5.129) que se tem suposto que daquela área lhe viesse o mal maior.

⁴ Prejudicada, logo a seguir (9-11), à boa maneira de Pérsio, por uma frechada escarninha a Ênio e aos seus sonhos de transmissão das almas.

Da terra, da sua terra — não falou. Mas vivia com ele: era convulsa, feita de escarpas e barrancos, fragas brutescas e socalcos, onde os penhascos se esgarravam em bruscas derrocadas.⁵ Translúcido emergia o alabastro da montanha, mas o menino rico só em casa o admirava, afeiçoado em guarda-jóias e frascos de perfume. A sua cidade, outrora, fora um baluarte insigne na lucumonia etrusca;⁶ e da púrpura dos vencidos se adornavam ainda as famílias mais gradas da região. Também ele entroncava nessa estirpe antiga: mas não enchia o peito de vanglória, já que (tinha aprendido) os estemas são muitas vezes ouropéis de que se enflora a pobreza estrutural dos indolentes.⁷

Do mar, do seu mar, falou, em versos claros e possessivos. Da terra, da sua terra, não falou: decerto porque os anos de formação, realmente decisivos, os vivera alhures (ou porque, após a morte do pai e o segundo casamento da mãe, nem tudo, no âmbito familiar, teriam sido rosas para ele).⁸ Mas dos homens falou: raras vezes bem,⁹ quase sempre mal.

Nem há contradição, de vulto, entre a crueza dos ataques e a mansuetude aparente da sua natureza. Porque a função da sátira, quando assumida, como a assumiu, em termos de cautério, o obrigava a dizer mal; e a corrupção dos tempos, com as tenazes mordentes da doença, o levaria, de onde em onde, a carregar a mão.

⁵ Um panorama que convinha ao decadentismo dannunziano e que, por isso, é largamente explorado no romance *Forse che sí, forse che no* (1910).

⁶ O rol das cidades federadas variou no decorrer da história etrusca. Mas, no início das lutas contra os Romanos, a sua composição seria a seguinte: V o l t e r r a s (modernamente Volterra, a pátria de Pérsio), Populónia, Vetulónia, Ruselas, Vúlcii, Tarquínios, Cere, Veios, Vulsínios, Clúsio, Perúsia e Arrécio.

⁷ 3.27-29. Outras referências (mais ou menos pejorativas) à Etrúria: 1.82, 130; 2.26, 60; 5.147.

⁸ Segundo a biografia(3.), o pai de Pérsio morreu quando este tinha seis anos; a mãe, Fúlvia Sisénia, casou depois com Fúcio, cavaleiro romano, que faleceu também, passados poucos anos. A educação de Pérsio terá sido fortemente influenciada pelas mulheres da casa (a mãe, a irmã, a tia paterna).

⁹ Só se fala bem, nas sátiras, dos destinatários, que são, na segunda, Macrino, na quinta, Cornuto, e na sexta, Basso. Mas, pela biografia(5.), sabemos que foi amigo também de Calpúrnio Estatura, que morreu jovem como ele, ainda em vida do poeta; que venerou como a um pai a Servílio Noniano; e foi dilecto do célebre estóico Trásea Peto, com quem fez viagens. O poeta Lucano, seu condiscípulo na escola de Cornuto, era admirador entusiasta (com verdade?) dos versos de Pérsio. Só tarde conheceu Séneca, mas não se sentiu atraído pelo seu engenho (ou acaso pelo seu carácter reticente e dependência inicial de Nero). Na escola de Cornuto conheceu ainda duas personagens de vulto: Cláudio Agaturno, médico espartano, e Petrónio Aristócrates de Magnésia. Tanta aglomeração de pessoas — e a sensação, ao mesmo tempo, de um grande isolamento.

Outra razão havia, mais profunda: ao dizer mal dos outros, estava a dizer mal de si mesmo. E não era lesionismo, antes o alerta pontual de bom estóico. Porque os defeitos que expurgara, ou cuidava expurgados, recresciam, como o escalracho na seara. Quem os grilhões quebrou arrasta, pela rua, pedaços da corrente onde a cadela se prendia.¹⁰ Amarga conclusão: «Desferimos os golpes – e, por nossa vez, expomos as pernas ao alvo das flechas. Sob a ilharga trazemos uma ferida oculta, mas com placa de ouro o bálteo a dissimula.»¹¹

Do berço lhe vinham, por sinal, as pechas que aos outros havia de assacar. Também a ele, infante ainda, a avó ou a tia o tomavam nos braços, lhe purificavam de saliva lustral a fronte e a boca, depois em cantilena modulavam o anelo enternecido: «A este, o rei e a rainha o almejem para genro; a este, as namoradas o disputem; a este, onde quer que pise, nasça uma rosa!» E àquele menino, àquela frágil esperança, já o viam rico, podre de rico, com as fazendas de Lícino e os palácios de Crasso... Era bonito, era! Mas estes desejos insensatos não deve escutá-los a majestade do Olimpo.¹² Poder e opulência, um precário amor?... Melhor aquele azul, a companhia ambicionada, o sortilégio de um livro, a paz da consciência. E, se possível, a sedação das dores.

Depois, já franganote, não fora o que se chama um aluno aplicado. Muitas vezes, para escapar às aulas de retórica (que o mestre, a seu ver, era insensato), farto de decorar as tiradas de Catão morituro, untava os olhos com azeite para simular doença; e assim frustrava as expectativas do pai, que viera, suado, com meia dúzia de confrades, para saborear as delícias de uma *suasoria* em veste estudantil.¹³ É que o garoto preferia jogar os dados, atirar a noz ao gargalo de uma jarra, fazer girar o pão a golpes de chicote.¹⁴

Pior quando, mais tarde, a pretexta deixou de cobrir a sua inexperiência; e temeroso se aventurou, na roda dos amigos complacentes, a visitar toda a Suburra grulhenta e viciosa.¹⁵ Foi (é de crer) a sazão dos amores mercenários, que lhe turbou os sentidos e lhe revelou os caprichos, as esquivanças, os requebros das cortesãs arteiras em seduzir os incautos ou deixar ao relento os amantes enfeitados.¹⁶ Era estridente o contraste com as virtudes da casa,

¹⁰ 5.158-160.

¹¹ 4.42-45.

¹² 2.31-40.

¹³ 3.44-47. *O non sanus magister* é Virgínio Flavo, citado na biografia (4.).

¹⁴ 3.48-51.

¹⁵ 5.30-35.

¹⁶ Um eco – literariamente muito trabalhado – desta fase poderá, talvez, vislumbrar-se

tutelada pelo amor da mãe, da irmã, da tia paterna: mas a bafagem malsã que respirou (e a que se seguiu a leitura das sátiras) explica a frequência, por vezes fascinada, de palavras e sensações do ambiente erótico.¹⁷

Começava a beber o indómito falerno; e, para o quebrantar, roncava até horas descompassadas da manhã. Se vinha um amigo sacudi-lo, acordava estremunhado e descarregava a bília sobre os escravos que não acudiam de pronto ao chamamento. Depois, sentado à mesa de trabalho, gemia o sólito pretexto para retardar o estudo: a pena que não escrevia, porque a tinta era espessa ou, à força de água, pingava um rasto duplo de gotas diluídas...¹⁸

Cada dia mais dolente e infeliz, a pouco e pouco o seu espírito se esvaía: e só faltava que, ao jeito dos borrachos ou dos filhotes da princesa, reclamasse a paparoca bem moída e rejeitasse, por amuo, a nana-nana da mãezinha.¹⁹ Amanhã, amanhã – a si mesmo prometia. E o amanhã era igual a hoje. Amanhã, amanhã... Mas, quando o amanhã de ontem despontava, já um pouco da sua existência se tinha consumido, porque, no carro da vida, nunca a roda traseira apanha a da frente.²⁰

Foi decisiva, por isso, ao rés do sorvedouro, a mão do mestre estóico – que no seu seio (socrático, diria o beneficiado) o acolheu e modelou como o artista ao rosto de uma estátua.²¹ Além das horas da escola, os dois traçavam, em comum, planos de trabalho e de repouso; tomavam juntos as suas frugais refeições; e prolongavam a conversação até à noite. Como se a mesma estrela os influísse, despedaçavam, com o favor de Jove, a hostilidade de Saturno.²² O mestre lhe ensinou as razões das coisas, a natureza e o objectivo da vida, o lugar de cada qual no mundo, a arte de cingir, na hora certa, a meta cativante e perigosa.²³ Como lhe ensinou o horror do vício, o desprendimento da riqueza e o desdém da ênfase, do alambicado, da inchação. Só lhe não ensinou (acaso não sabia) a vertebração convivente do discurso – e o amor dos homens. O

no tratamento (5.161-174) de uma cena de Menandro, que Pérsio conhecia directamente, mas nós através da adaptação de Terêncio, *Eun.* 46-80: cena de que Horácio (*Serm.* 2.3.259-271), aliás, se tinha já aproveitado.

¹⁷ Exemplos claros em 1.18-21, 87, 103-104; 4.35-41, 48; 6.72-73. Outros, mais subtis, se poderão rastrear.

¹⁸ 3.1-14.

¹⁹ 3.16-20.

²⁰ 5.66-72.

²¹ 5.36-40.

²² 5.45-51.

²³ 3.66-68.

discípulo ficou assim, acutilante e austero; solitário; muitas vezes censurado; e porventura infeliz.

Lucílio teria corroborado nele a decisão de escrever sátiras;²⁴ e de Lucílio, realmente, é aquele humor agreste de crítica aos visados (não já pessoas, mas tipos sociais). Em Horácio radica, no entanto, a matriz, exasperada, de muitas frases e situações. Na transfusão havia de perder-se — era fatal — a velatura sorridente e compassiva do modelo. Aos neófitos convém, no ardor da conversão, a intransigência que protege da recaída nos abismos; e previne o contágio subterrâneo, irracional, que se geresce na enfermaria dos gafados. A pureza retomada confina, neste distanciamento, com a algidez e o desconforto. Um preço a pagar, naturalmente, pelo estóico de plena obediência. E que o poeta pagou quase sempre. Quando não paga, um sopro de humanidade o pode investir e vivificar.

Túrbida Roma! Com desencanto olhava, agora, aquele viver feito de canície e esqualor. Quem ia ler a sua poesia? Duas, três pessoas, quando muito, acaso nenhuma?²⁵ A moda estava com o reboante ou o efeminado. O vate subia ao pódio, penteado a rigor, de toga novinha e sardónica no dedo, aclarava a garganta com fluentes modulações e o seu olhar elanguescia no transe de um orgasmo.

Aplausos da assistência: os grandes Titos, rendidos ao prazer, deixam que os trémulos do carne lhes titilem o âmago do sexo.²⁶ Outro recitador sobe ao tablado: veste um manto cor de jacinto, fala pelo nariz e a sua dicção, de gago aflautado, passa rasteiras às palavras.²⁷ Mas os convivas estão prontos a louvar: e, pela certa, da cinza afortunada daquele poeta vão nascer violetas...²⁸ De resto, é a subtileza, o requinte que importam. A arte reclama a construção de versos sapientes que falem do berecintio Átis, das Bassárides, do báquico evoé, ou de uma costela subtraída aos montes Apeninos.²⁹ Era poesia, aquilo?...

²⁴ A biografia (10.) aponta, com maior precisão, como fonte inspiradora, o livro décimo das sátiras de Lucílio; e ao Auruncano atribui também o início da sátira primeira de Pérsio (que, ao invés, parece conter sugestões lucrecianas).

²⁵ 1.2-12.

²⁶ 1.15-21. Equívoco entre *Titus* (prenome) e *titus* 'pénis'.

²⁷ 1.30-35.

²⁸ 1.36-40.

²⁹ 1.92-102.

E na eloquência, os mesmos vícios. Acusação, defesa – ficavam reduzidas a um jogo de antíteses e de figuras eruditas. Mas ele queria chorar com a verdade, não com lamúrias forjadas à luz da candeia.³⁰ E, no entanto – redarguiam – é belo ser mostrado a dedo e ouvir dizer: «É ele!» E ser ditado, na escola, a um tropel de garotinhos de trunfa riçada...³¹ Que cegueira, a deste sangue patricio! Ditoso, ditoso Jano, que era bifronte, e não lhe podiam fazer trejeitos pelas costas!³²

Mas o estudo, tanto estudo, de que serviria, se este fermento, esta figueira brava que dentro de nós cresce não irrompesse e rachasse as pedras do fígado?³³ Não achava que, à força de críticas pungentes, os poderosos começariam a mostrar-lhe frieza ou até os dentes da ameaça?³⁴ Mas ele não era (reconhece-o) insensível ao louvor, quando acertava – *rara quis* – em compor algum texto mais perfeito: o que recusava eram os aplausos de tal gente, nem isso constituía o seu supremo objectivo.³⁵ Quanto à hostilidade dos grandes, bem conhecia a mordaca que Nero e os seus validos impunham à voz dos dissidentes. A sua família, para mais, estava ligada à ordem senatória, adversa ao regime, e a estóicos de fama, críticos do imperador.³⁶ O mestre, por sinal, havia de alterar – correu – um verso seu (*aurículas asini Mida rex habet*), para que Nero – autor, afinal, de versos no estilo dos censurados – não cobrasse suspeitas confirmáveis.³⁷ Pode ser fabuleta do biógrafo: mas a Nero parece conformar-se aquele Alcibiades que, *ante pilos*, sem sabedoria nem experiência, se julga capaz de impor silêncio, com a majestade da mão, às turbas ondeantes: «Quirites (logo a palavra romana na boca de um heleno!), esta decisão não é justa, errada aquela, mais ajuizada a outra.»³⁸ A verdade é que ninguém experimenta descer

³⁰ 1.83-91.

³¹ 1.28-30.

³² 1.58-62.

³³ 1.24-25.

³⁴ 1.107-110.

³⁵ 1.45-48. Ficava, deste modo, um poeta *semipaganus* (*Chol.* 6), à margem dos conventículos do Parnaso, seguidor – como recomendava Cornuto – dos *uerba togae e iunctura callidus acri, / ore teres modico, pallentis radere mores / doctus et ingenio culpam defigere ludo* (5.14-16).

³⁶ A biografia (2.) assinala que Pérsio era *sanguine et affinitate primi ordinis uiris coniunctus*; e regista (4.-5.) as relações de profunda amizade do poeta com os estóicos. Aneu Cornuto, seu mestre, exilado por Nero em 66, e o cônsul Trásea Peto, condenado ao suicídio, no mesmo ano, pelo imperador. Árria Menor, sua mulher, que tentou seguir a sorte do marido, era parente de Pérsio.

³⁷ A notícia – aceite por alguns filólogos, rejeitada por outros – vem na biografia do poeta (10.).

³⁸ 4.1-9.

ao fundo de si próprio, antes se compraz em reparar na saca (entenda-se a corcunda) do que lhe vai à frente.³⁹ Porque, se cada qual habitasse a sós consigo, entenderia quanto é escasso o seu mobiliário.⁴⁰

Mas os convites da filosofia estóica à reflexão, ao exame de consciência, não sorriem aos políticos, empenhados em caçar sufrágios com as migalhas atiradas ao povo;⁴¹ nem aos centuriões varicosos, de odor caprino, que, do alto da sua suficiência, escarnecem os pensadores de frente anuviada e cabisbaixa;⁴² nem aos cativos da superstição, inquietos com os sábados dos circuncisos, as aparições dos lémures, os récipes de uma sacerdotisa zarolha.⁴³ À sinceridade natural do poeta, à sua lhanza de viver repugnavam todas as formas de hipocrisia e ostentação. Mais condenáveis, ainda, quando exercitadas no âmbito da religião. O postulante, por exemplo, que recita as suas preces em voz alta, para todos ouvirem («Dá-me, senhor, um ânimo recto, boa reputação, crédito abonado!»), enquanto, no segredo da sua alma, é outro o voto que murmura: «Ah, se o meu tio rebentasse... que funeral de arromba!»⁴⁴ Ou a insensatez daquele que, na mira de engrossar a fazenda, vai consumindo o património em sacrifícios aos deuses, até que, exangue e desesperado, suspira, no fundo da bolsa, o último denário.⁴⁵

Nada mais degradante, aliás, que as tentativas do homem para comprar o favor dos deuses: «Ó almas curvadas para a terra e vazias de pensamentos celestes, de que serve introduzir nos templos os nossos costumes e julgar, segundo a nossa carne celerada, o que é bom para os deuses?»⁴⁶ A cegueira dos crentes ainda pode ser entendida; a dos sacerdotes, não: «Mas vós, dizei, pontífices, à santidade que aproveita o ouro? O mesmo, se calhar, que a Vénus as bonecas oferecidas por uma donzelinha.»⁴⁷ Por isso, ao espanto da ganância o poeta opõe a sinceridade de uma prece eficaz: «Porque não damos aos deuses aquilo que, na sua grande bandeja, não poderia oferecer a estirpe remelosa do grande Messala: a harmonia, no coração, das leis humanas e divinas; a santificação dos arcanos da alma; e um peito embebido de generosa

³⁹ 4.23-24.

⁴⁰ 4.52.

⁴¹ 5.177-179.

⁴² 3.77-85, cf. 5.189-191.

⁴³ 5.179-188.

⁴⁴ 2.8-10.

⁴⁵ 2.44-51.

⁴⁶ 2.61-63.

⁴⁷ 2.68-70.

honestidade? Estes bens, possa eu trazê-los aos templos: e com um punhado de trigo farei a minha oferta.»⁴⁸

O drama está em que os homens não conhecem a verdadeira liberdade: uma liberdade que não radica no toque da varinha que o servo recebeu ou na viravolta que executou diante do pretor, nem no direito a enfiar na cabeça o barrete frígio – mas na vitória que alcançou sobre as paixões. Se o liberto continua a viver lacerado entre a cupidez e a moleza, entre a decisão e a perplexidade, entre a crença e a superstição, entre os propósitos de virtude e as solicitações do prazer, toda a alforria é ilusória, o coração perdura escravo.⁴⁹

E o poeta, predicador dos estóicos, era liberto ou escravo?

O poeta ali estava, na sua praia lígure, diante do mar emornecido, enquanto o amigo, destinatário da última sátira, enfrentava, à lareira, o rigor de um inverno sabino.⁵⁰ Verdade seja que o ausente era vivedouro, de rija cepa, e ele um pobre esgalho, condenado. Por isso o mar, a sua praia de Luna, o ia ajudando a sobreviver. Mas quando recolhia uma concha e a encostava ao ouvido, langue ecoava o canto da sereia: «Recreia o teu coração. Colhamos os deleites. Nossa – é apenas a vida que tu vives. Em cinza e sombras e um nome vão te hás-de tornar. Vive na lembrança da morte: a hora voa; o instante em que te falo é já passado.»⁵¹ E reflorescia nele o riso brando, amavioso, da *candida puella* do vizinho; e ainda o coração lhe estremecia. Como na adolescência, à vista da moeda que o lance de Vénus lhe ganhara.⁵² Mas não ia jogar outra vez, não ia fazer quanto ao seu membro apetecesse.⁵³ Estava curado. Ou apenas desgasto. A dissolução do fim?

Nada, já nada, havendo remissão das dores, turbava agora a sua tranquilidade: nem as vozes do vulgo nem os danos do austro nem a riqueza do

⁴⁸ 2.71-75.

⁴⁹ 5.73-188.

⁵⁰ 6.1-9. O amigo é Césio Basso, que seria o editor das sátiras de Pérsio (biografia, 8.).

⁵¹ 5.151-153.

⁵² 3.109-111 *Visa est si forte pecunia, seu / candida uicini subrisit molle puella, / cor tibi salit?* cf. 4.47-48 *Viso si palles, improbe, nummo, / si facis in penem quidquid tibi uenit*. Nos dois passos se associam, curiosamente, dinheiro e sexo. Por outro lado, o poeta confessa que, na adolescência, o ápice dos seus votos ia, em detrimento das aulas de retórica, para o jogo (3.48-50) e outras diversões mais inocentes (3.50-51). Cf. também 5.57-58 *hunc alea decoquit, ille / in uenerem putris*.

⁵³ 4.48 *si facis in penem quidquid tibi uenit* é distorção intencional de *si facis in mente quidquid tibi uenit*.

vizinho.⁵⁴ Dos bens que tinha, não ia fazer poupança: preferia acudir às necessidades de um amigo, náufrago recente, nos escolhos do Brútio;⁵⁵ ou oferecer (e aqui sorria) um espectáculo de gladiadores pela vitória – hipotética vitória – de César sobre os Germanos.⁵⁶ Mas o herdeiro, sentindo-se lesado, protestaria: e, como desforra, iria apoucar-lhe o funeral...⁵⁷ Ao morto que importava, depois de consumido pela pira?⁵⁸ E se o herdeiro desertasse, se não houvesse herdeiros na família, havia sempre o recurso de ir buscá-los entre os mendigos de Bovilas.⁵⁹ Como, entre filhos das ervas?... Que desconcerto! Mas todos somos filhos das ervas: basta que desçamos um pouco na árvore genealógica.⁶⁰

Afinal, nem era o caso. O poeta tinha herdeiros: a mãe, a irmã, o mestre estóico (que só livros aceitou, não os sestércios).⁶¹

E, para ele, para o poeta, que ficava? A pedra de um túmulo, no oitavo miliário da via Ápia,⁶² muito longe da sua praia, do seu mar, e da sua terra de barrancos.

Com a saudade, aliviada, dos vinte e oito anos que cumprira.

⁵⁴ 6.12-16.

⁵⁵ 6.27-33.

⁵⁶ 6.43-49.

⁵⁷ 6.33-36.

⁵⁸ 6.41.

⁵⁹ 6.51-56.

⁶⁰ 6.56-60.

⁶¹ Informação da biografia (7.).

⁶² Notícia da biografia (2.). A ROSTAGNI, *Storia della letteratura latina*, Torino, U.T.E.T., 1964, II, 558, publica uma fotografia da «cosidetta tomba di Persio, sulla via Appia»: a sua modéstia não destoia, pelo menos, do desprendimento de um estóico.